

A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS DICIONÁRIOS DE LÍNGUA: TÓPICOS PARA DISCUSSÃO, A PARTIR DE DICIONÁRIOS PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS

Margarita CORREIA¹

- **RESUMO:** É sabido que o léxico de uma língua deixa transparecer o modo como a comunidade vê e conceptualiza o mundo que a rodeia, nas suas diferentes vertentes. Desta forma, não é difícil entender que através do estudo do léxico podemos ter uma ideia mais clara dos preconceitos de várias ordens (raciais, sexuais, religiosos, etc.) que permeiam a sociedade. A língua portuguesa não é excepção, sendo fácil detectar no seu léxico unidades que mostram, por exemplo, os preconceitos raciais. O tratamento das unidades que designam conceitos relacionados com raça e/ou etnia nos dicionários merece uma reflexão mais aprofundada. Deverão estas unidades ser tratadas sem qualquer reserva no dicionário? Compete ao lexicógrafo definir o que é socialmente correcto? Deverá assumir uma atitude meramente descritiva em relação aos dados que descreve? A sua atitude deve ser independente do tipo de dicionário que prepara? Com este trabalho, pretendo, com base na análise de um conjunto de artigos retirados de dicionários de língua, abordar a questão do tratamento dos preconceitos raciais/étnicos em dicionários portugueses, gerais e de aprendizagem, contribuindo, deste modo, para (re)lançar a discussão sobre o papel descritivo e/ou pedagógico dos dicionários de língua.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Lexicografia; dicionário geral de língua; dicionário de aprendizagem.

Introdução

Os léxicos das línguas, ao reflectirem o modo como as sociedades conceptualizam o mundo, são objectos privilegiados para a observação dos estereótipos próprios de cada sociedade,² entre os quais podemos destacar aqueles que se prendem com a denominação das diferentes raças, etnias, em suma de grupos humanos agrupados em torno de características físicas, culturais, religiosas, linguísticas, etc. Em qualquer língua encontram-se, pois, inúmeras

1 FLUL – Universidade de Lisboa – ILTEC – Instituto de Linguística Teórica e Computacional – Faculdade de Letras – Lisboa – Portugal. Endereço eletrónico: margarita-c@netcabo.pt

2 Uso o termo “estereótipo” no mesmo sentido que lhe é conferido por PUTNAM (1975-1995, p.247): “In ordinary parlance a ‘stereotype’ is a conventional (frequently malicious) idea (which may be wildly inaccurate) of what an X looks like or acts like or is”.

palavras e expressões lexicalizadas que denotam os estereótipos dessa sociedade e, ao mesmo tempo, os preconceitos associados, pelos membros dessa comunidade linguística, a cada grupo, minoritário ou não.

A expressão destes preconceitos pode ocorrer, pelo menos, a dois níveis distintos: ao nível do próprio léxico, através das significações que efectivamente atribuímos às palavras e dos usos que delas fazemos, e ao nível do dicionário, através da forma específica como o lexicógrafo descreve determinadas unidades, o que se nota através das escolhas que faz e das palavras que usa na sua descrição.

No tratamento destas unidades, o lexicógrafo é alvo de uma tensão que o obriga a optar entre descrever os usos efectivos das unidades lexicais, perpetuando, deste modo, as marcas lexicais da discriminação, ou “legislar” linguisticamente, estabelecendo aquilo que é, ou não, social e politicamente correcto na sua sociedade e no seu tempo.

O objectivo principal deste artigo é descrever a manifestação do preconceito no dicionário, particularmente nos dicionários portugueses. Assim, depois de descrever sumariamente algumas formas de manifestação do preconceito no léxico e no dicionário, apresentarei e justificarei os critérios usados na selecção dos dicionários e das respectivas entradas para análise, para, por fim, descrever alguns dos aspectos mais relevantes recenseados no decurso dessa análise.

A escolha deste tema para o incluir no presente volume não é inocente. A discussão sobre o modo de descrever as palavras que denotam preconceitos raciais (e outros) nos dicionários constituiu uma das discussões mais profícuas que mantive com a Maria Tereza Biderman. Ter o privilégio de discutir estas questões com a Maria Tereza permitiu-me aprender, progredir e tornar-me, acredito, uma pessoa mais válida socialmente.

Preconceitos no léxico

A língua portuguesa, como as demais línguas, está eivada de unidades lexicais ou expressões que denotam muitos dos preconceitos que marcaram a sociedade portuguesa e as sociedades lusófonas ao longo dos tempos. Esses preconceitos podem visar grupos raciais e/ou étnicos (exs.: negros, judeus, ciganos), nacionalidades específicas (exs.: chineses, indianos), grupos religiosos (exs.: judeus, muçulmanos), mas também grupos profissionais e etários, entre outros. Claro que os preconceitos podem também ser de natureza sexual.

Nas linhas que se seguem, darei exemplos de unidades lexicais e/ou expressões idiomáticas nas quais são visíveis, em português europeu, marcas de preconceitos de vários tipos. Os exemplos dados neste ponto foram retirados

de diversos dicionários e não apenas dos seleccionados para a extracção dos artigos que constituem o núcleo deste trabalho. Atente-se nos seguintes exemplos:

- Algumas palavras que denotam indivíduos pertencentes a grupos, raciais, étnicos, profissionais e outros, assumem acepções francamente pejorativas – exs.: *cafre* (DELP:³ “pessoa perversa, bárbara, ignorante ou sovina”); *foleiro* (DELP: “*adj.* que não presta; mal feito; de má qualidade”);
- Sobre o nome do indivíduo é construído, por exemplo, um nome de qualidade cujo significado, resultante da combinação dos significados da base, do afixo e da regra, dá a ver a qualidade de forma estereotipada e frequentemente pejorativa, adquirindo a capacidade de denominar qualidades e/ou entidades francamente negativas – exs.: *judiaria* (DELP: “diabrura; travessura; maldade; maus-tratos”); *chinesice* (DLPC:⁴ “coisa escusadamente complicada ou modo de proceder que obedece a formalidades complicadas e inúteis ou que resulta de um capricho; esquisitice”);
- O nome, nomeadamente o gentílico, aparece integrado em expressões que mostram uma característica estereotipicamente atribuída ao grupo, muitas vezes negativa – exs.: *ver-se grego/negro para; trabalhar como/que nem um mouro/galego*;
- Ao nome está associado um número expressivamente vasto de nomes colectivos com conotações pejorativas, construídos por derivação sobre o próprio radical do gentílico ou mesmo sem qualquer relação morfológica com este; esses são os casos, por exemplo, dos gentilícios *índio* e *cigano*, aos quais o DEHLP⁵ associa, respectivamente, os nomes colectivos *aldeia*, *chiruzada*, *indiada*, *indiaría*, *maloca*, *tribo*, por um lado, e *banda*, *cabilda*, *ciganada*, *ciganagem*, *ciganaria*, *gitanaria*, *maloca*, *pandilha*, por outro.
- O nome de uma entidade própria de uma determinada cultura, religião, ou etnia assume acepções marcadamente pejorativas – exs.: *rabino* (DELP: “*adj.* inquieto, travesso, rabugento”); *cacique* (DELP: “[sentido] *figurado* mandão político que dispõe dos eleitores de uma determinada localidade”).

Poder-se-iam citar muitos outros exemplos de traços preconceituosos

3 DELP: *Dicionário Electrónico da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

4 DLPC: *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* – cf. referências bibliográficas.

5 DEHLP: *Dicionário Eletrónico Houaiss da Língua Portuguesa*. 2001. A edição de 2006, para *prostituta*, mantém apenas a definição perifrástica anterior (“mulher que pratica actividades sexuais por dinheiro”), tendo deixado cair todos os sinónimos, e para *prostituto*, apresenta como definição “homem que pratica actividades sexuais por dinheiro” – note-se o total paralelismo entre a definição das duas entradas, que inclusivamente nos leva a questionar o porquê de as manter a ambas.

presentes em unidades lexicais e fraseológicas, mas não é este o objectivo principal deste trabalho.

Preconceitos no dicionário

Para além dos preconceitos que são específicos do léxico (e que nele se encontram de tal forma incrustados que, frequentemente, os sentidos literais das palavras já nem se encontram presentes à consciência dos falantes), deveremos ter em conta, e distingui-los claramente, os preconceitos do lexicógrafo, que se manifestam mesmo, por vezes, na descrição de palavras perfeitamente neutras.

Estes preconceitos do lexicógrafo podem manifestar-se de várias formas:

- Através da definição, perifrástica ou sinonímica, pela selecção dos termos usados – exs.: em DELP, *comunista* é um “sequaz do comunismo”, *marxista* é uma “pessoa sequaz do marxismo” (por oposição a *socialista*, “pessoa partidária do socialismo”, e a *social-democrata*, “que ou a pessoa que perfilha a doutrina da social-democracia”); ainda em DELP, *prostituta* é a “mulher que se entrega a actividades sexuais mediante remuneração; meretriz” (por oposição a *prostituto*, “homem que pratica a prostituição”);⁶
- Através dos exemplos e abonações⁷ seleccionados para ilustrar as acepções – exs.: em DPB,⁸ na entrada do verbo arrumar, “A Inês finalmente arrumou-se. Não te esqueças de que já tem 40 anos!”; ou em GDLP,⁹

6 O *Dicionário da Língua Portuguesa*, da Porto Editora, é bem o exemplo de uma tentativa de eliminar progressivamente o discurso preconceituoso do dicionário. Notem-se as alterações no tratamento que neste dicionário se confere ao par de unidades *prostituta* / *prostituto*, ao longo das suas várias edições:

- 5.ª edição, s/d: “**prostituta** s. f mulher que se entrega à prostituição; meretriz; rameira; comborça”; *prostituto* não faz parte da nomenclatura;

- 6.ª edição, s/d: “**prostituta** s. f mulher que se entrega à prostituição; rameira; meretriz” (note-se a queda do sinónimo *comborça*); *prostituto* volta a não fazer parte da nomenclatura;

- 7.ª edição, s/d: a descrição é semelhante à da 6.ª edição.

- 8.ª edição, 1998: a descrição coincide com a apresentada no corpo do texto: “**prostituta** s. f mulher que se entrega a actividades sexuais mediante remuneração; meretriz”. Para a forma masculina: “**prostituto** s. m. homem que pratica a prostituição” – note-se o surgimento da entrada *prostituto*, a par da queda de mais um sinónimo, *rameira*.

A edição de 2006, para *prostituta*, mantém apenas a definição perifrástica anterior (“mulher que pratica actividades sexuais por dinheiro”), tendo deixado cair todos os sinónimos, e para *prostituto*, apresenta como definição “homem que pratica actividades sexuais por dinheiro” - note-se o total paralelismo entre a definição das duas entradas, que inclusivamente nos leva a questionar o porquê de as manter a ambas.

7 Reservo o termo *abonação*, neste trabalho, para nomear aqueles contextos de uso que têm indicação expressa da sua fonte. Os exemplos, por seu turno, não apresentam qualquer indicação a este respeito, não nos sendo possível aferir se se trata de exemplos autênticos, extraídos de *corpora*, ou de frases ou sequências forjadas pelo lexicógrafo. Em DLPC, que é o único dos dicionários em estudo que usa abonações no sentido que aqui lhe é atribuído, estas aparecem assinaladas por aspas francesas (« »).

8 DPB – *Dicionário do Português Básico* – cf. referências bibliográficas.

9 GDLP – *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, 25.ª edição, 1995 – cf. Referências bibliográficas. De acordo com os editores, esta edição foi fruto de profunda actualização.

onde a segunda acepção da entrada *arrumadeira* aparece assim descrita: “*Bras.* Criada dos quartos, criada para serviços domésticos, que não sejam cozinhar nem esfregar e limpar soalhos: «aluga-se uma boa arrumadeira, de nacionalidade portuguesa...»”;

- Através da quantidade de acepções pejorativas descritas numa mesma entrada – veja-se a entrada *cigano*, mais adiante neste artigo.

Crítérios e metodologia deste trabalho

Para a elaboração deste trabalho, foi recolhido um conjunto de entradas relacionadas com aspectos raciais e/ou étnicos em cinco dicionários contemporâneos e recentes, editados em Portugal, a saber, por ordem cronológica de edição:

- 2001 – *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* – de agora em diante referido apenas como DLPC;
- 2002 – *Dicionário Actual da Língua Portuguesa* – DALP;
- 2002-2003 – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (versão portuguesa) – DHLP;
- 2006 – *Dicionário da Língua Portuguesa* – 2006 – DLP;
- 2006 – *Dicionário Verbo da Língua Portuguesa* – DVLP.

A escolha destes dicionários não foi, obviamente, aleatória: todos são dicionários publicados já neste século e todos supostamente representam o vocabulário em uso no português europeu (de agora em diante, PE). DLP é o dicionário mais vendido em Portugal, apostando, actualmente, a Porto Editora, numa reedição praticamente anual com actualização. Trata-se de um dicionário generalista, com uma boa relação qualidade / preço / quantidade de informação. Os seus principais defeitos são a escassez de informação gramatical associada a cada unidade e a ausência de exemplos de uso.

O DLPC foi um dicionário com grande impacto na sociedade portuguesa. Em primeiro lugar, por ser o aguardado “dicionário da Academia”, de que se esperava que tivesse estatuto normativo (tendo, no entanto, sido essa expectativa gorada), muito criticado não apenas pela comunidade científica, mas sobretudo nos órgãos de comunicação social. Em segundo lugar, por ser um dicionário elaborado de raiz, de acordo com as orientações da lexicografia contemporânea, com uma microestrutura e um detalhamento na descrição das entradas perfeitamente inovadores em Portugal e com opções, por exemplo, em termos de inclusão de entradas e de adaptação de empréstimos muito discutidas (e algumas muito discutíveis).

O DALP e o DVLP são dois dicionários vocacionados para o ensino. DALP, sendo da mesma editora do *Dicionário do Português Básico*, de Mário Vilela, recupera, claramente, muita da informação contida neste dicionário, apresentando, no entanto, uma microestrutura completamente distinta (simplificada e muito mais tradicional) e um maior número de entradas. O DVLP, por seu turno, é um dicionário que acaba de ser editado em Portugal, com o apoio do Ministério da Educação. Sendo da mesma editora que o DLPC, não é de estranhar que o DVLP recupere muita da informação contida naquele dicionário (em termos de microestrutura, de selecção e ordenação de acepções, de exemplos). No entanto, já é, sim, de estranhar que o DLPV não refira nunca o DLPC no seu interior, apesar de apresentar uma relativamente extensa bibliografia, na qual são referidos sete outros dicionários de língua. Esta omissão apenas pode ser entendida como um lamentável esquecimento, ou como incompreensível opção.

O DHLP consiste na adaptação ao PE do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Uma das questões que se colocam relativamente a esta versão portuguesa do *Dicionário Houaiss* é a de saber que vocabulário, de que variedade do português, representa este dicionário. Tenho procurado resposta para esta questão (cf. Correia, 2007, no prelo), inclinando-me, de momento, a considerar que este dicionário não é representativo de facto de nenhum vocabulário específico de nenhuma variedade concreta do português, problema que se encontra já na sua génese,¹⁰ mas que é agravado pelo facto de a sua adaptação ao PE ter sido parcial e aparentemente pouco sistemática.

Destes dicionários foi seleccionado um conjunto de entradas para tratamento neste trabalho. Em primeiro lugar, recolhemos as entradas *raça* e *etnia*. A partir de *raça* e *etnia*, recolhemos também as entradas *amarelo*, *branco*, *negro* e *preto* (por aparecerem nos artigos relativos a *raça* como tipos especificados) e *cigano* (por aparecer referido também em *raça*, (de) no DLPC). Fez-se, ainda, um levantamento das entradas *chinês*, *indiano*, *índio*, *mulato* e *negróide*, mas estas não foram alvo de análise detalhada.

Em relação aos artigos *amarelo*, *branco*, *negro* e *preto*, detivemo-nos apenas nas acepções que dizem directamente respeito a questões raciais. Não retivemos os substantivos femininos respectivos que, nalguns casos, fazem parte da nomenclatura dos dicionários.

A descrição dos dados apresentada em seguida não é exaustiva, indo centrar-se apenas nos aspectos que consideramos mais relevantes para o tópico central deste artigo, a manifestação dos preconceitos raciais nos dicionários portugueses.

10 Não pode deixar de se estranhar que se diga, de um dicionário publicado em 2001, com todos os avanços que a lexicografia conheceu nas últimas décadas, que "Do trabalho geral resultou uma obra de cerca de 228.500 unidades léxicas que não privilegia determinada faixa cronológica e geográfica da língua" (Villar, na "Apresentação" do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, versões brasileira e portuguesa).

Etnia e raça nos dicionários

Os substantivos *etnia* e *raça* fazem parte da nomenclatura de todos os dicionários em análise.

Para *etnia*, é dada apenas uma acepção em todos os dicionários. A palavra é apresentada como um termo, respectivamente, da Sociologia, em DLPC e DLP, e da Antropologia, em DHLP. Nos restantes dicionários, não é atribuída qualquer marca a esta entrada. DHLP insere no artigo uma nota, chamando a atenção para o facto de o termo ser evitado pela antropologia actual.

Já *raça* é uma entrada bastante polissémica: DLPC propõe dez acepções, DALP quatro, DHLP catorze, DLP oito e DVLP seis. Apenas DLP marca esta entrada como termo de especialidade, nomeadamente nas acepções 2 e 3 transcritas abaixo:

2 ANTROPOLOGIA agrupamento natural de indivíduos que apresentam um conjunto comum de caracteres hereditários, tais como a cor da pele, os traços do rosto, o tipo de cabelo, etc., que definem variação dentro da mesma espécie; **3** ZOOLOGIA subdivisão da espécie com uma unidade de constituição hereditária;

DHLP e DVLP, em contrapartida, chamam explicitamente a atenção para o carácter não científico do conceito associado a esta unidade lexical, respectivamente, nas suas primeira e segunda acepções:

1 divisão tradicional e arbitrária de grupos humanos, determinada pelos conjuntos de caracteres físicos hereditários (cor da pele, formato da cabeça, tipo de cabelo etc.) [Etnologicamente, a noção de raça é rejeitada por se considerar a proximidade cultural de maior relevância do que o factor racial; certas culturas de raças diferentes estão muito mais próximas do que outras da mesma raça.] <*r. branca*> <*r. amarela*> <*r. negra*> (DHLP)

2. Designação não científica de grupo humano que se distingue dos outros por um conjunto de características físicas hereditárias (cor da pele, forma do crânio, feições, tipo de cabelo) e que apresenta variações no seio da espécie. ~ *branca*. ~ *amarela*. (DVLP)

Verifica-se que o DLPC se serve das abonações, para fazer introduzir no dicionário discurso pedagógico anti-racista. Vejam-se os seguintes exemplos retirados dos artigos deste dicionário:

etnia [...] Os instrumentos de trabalho e os hábitos são elementos importantes do património de uma etnia. «devemos ser tão severos quando o racismo se manifesta em grupos constituídos por membros

de etnia branca como quando é qualquer outra etnia que se manifesta» (DAR, 16.6.1995).

raça [...] Todos os seres humanos, sem distinção de raça ou sexo, tem [sic] direito a uma vida condigna. «Etnografia como ciência da cultura, liberta dos traços biológicos definidores de tipos físicos, de raças, domínio hoje exclusivo da Antropologia Física, só a veio a definir definitivamente entre nós e de modo original, no contexto europeu, Leite de Vasconcellos.» (M. VIEGAS GUERREIRO, «Leite de Vasconcelos», in H. D. P. C., p.1654).

No que respeita às combinatórias com os adjectivos classificadores, DLP não as apresenta, DHLP apresenta *raça branca*, *raça amarela* e *raça negra*, DALP insere apenas *raça branca* e *raça negra* e DVLP apenas *raça branca* e *raça amarela*. DLPC, num dos exemplos da acepção 4, inclui o sintagma nominal *raça cigana* (“A raça cigana mantém ainda hoje muitas das suas tradições ancestrais”).

Nos artigos respeitantes a estas entradas, portanto, não se verificam fortes marcas de preconceitos e, até pelo contrário, transparece algum discurso com preocupações científicas (cf. DHLP e DVLP) e pedagógicas (cf. DLPC).

As entradas amarelo, branco e negro

Ao analisar, porém, estas entradas, começa a transparecer algum preconceito, não apenas ao nível das definições e da exaustividade do tratamento das acepções raciais pejorativas, mas sobretudo ao nível dos exemplos aduzidos.

DLPC é um dicionário que divide as entradas através de uma combinação de critérios não apenas formais e etimológicos, mas também morfossintácticos. Deste modo, qualquer das três formas corresponde a três entradas distintas, a do adjectivo, a do substantivo variável e a do substantivo masculino. Tal opção tem implicações não apenas nas dimensões do dicionário (DLPC é, por este e por outros aspectos, um dicionário sem preocupações de poupança de espaço), como também na quantidade de informação repetida (e redundante) que contém.

DLP e DVLP não incluem qualquer acepção de *amarelo* directamente ligada com a classificação racial. DLPC inclui uma destas acepções na entrada *amarelo* como substantivo (“**3**. Que é relativo às populações asiáticas”), exemplificando as combinatórias do nome nesta acepção com a expressão “perigo⁺¹¹ amarelo”.

¹¹ Em DLPC, o sinal “+” assinala uma combinatória fixa, remetendo para a entrada no interior da qual o significado da combinatória é definido.

O mesmo exemplo é dado também por DALP, na terceira acepção do adjectivo, restringindo, no entanto, a referência desta unidade aos chineses.¹²

O mesmo dicionário retoma a questão racial na única acepção do nome como masculino plural. De resto, a selecção dos exemplos ao longo de todo o artigo merece alguma atenção, pelo que este se transcreve em seguida:

amarelo, *adj.* **1.** Que tem a cor da gema do ovo ou do ouro: *Raça amarela*. *Dentes amarelos*. **2.** Que se apresenta pálido: *Riso amarelo*. • *sin.*: forçado. **3.** Que se refere ou pertence aos Chineses: *O perigo amarelo*. ♦ *s.m.* A cor amarela: *Detestar o amarelo*. • *s.m.pl.* **5.** Os indivíduos de raça amarela. • *Obs.*: Nesta acepção, grafa-se com maiúscula inicial. (DALP)

DHLP é extremamente sucinto na descrição da acepção racial de *amarelo*, limitando-se a apresentar uma definição neutra, sem exemplificação (“**5** homem de raça amarela”). Já no tratamento da forma *branco*, DHLP registra nada menos do que seis acepções diferentes, com três subacepções, relacionadas com a questão racial. Observem-se os excertos do artigo *branco* deste dicionário:

adj. [...] **9** que pertence à raça branca <*homem b.*> [...] ■ *adj.s.m.* **19** relativo a ou indivíduo que se caracteriza por reduzida pigmentação da pele (freq. tb. dos cabelos e olhos), e que, em geral, difere de outros indivíduos cuja coloração da pele é negra, parda, amarela ou acobreada **20** relativo a ou indivíduo de ascendência branca que não tenha o seu sangue misturado com o de outros grupos de cor de pele diferente **20.1 p.ext.** relativo a ou indivíduo cujo sangue é misturado com o de outros grupos de cor de pele diferente, mas que é considerado branco pelo grupo social em que vive, por ser mais claro que os demais [...] ■ *s.m.* [...] **27 B. ant.** senhor de escravos **27.1** tratamento respeitoso de submissão que os homens brancos recebiam por parte dos negros escravos **27.2. p.ext.** patrão, pessoa importante ou pessoa de classe dominante **28 p.ext.** *B* indivíduo de qualquer tom de pele pertencente à cultura hegemónica, classificada como civilizada, em contraste com os índios, habitantes autóctones **29 A obsl.** indivíduo português, nas regiões colonizadas por Portugal <*vieram cá dois b. e um francês*>

¹² Se dúvidas existissem quanto ao carácter xenófobo desta expressão, bastaria observar os seguintes dois contextos, retirados do *corpus* CETEMPúblico (disponível em www.linguateca.pt):

“Ext 604337 (clt, 93b): A virulência social da China maoísta e a confrontação sino-soviética fizeram, durante algum tempo, deslocar para Pequim o epicentro do Império do Mal e pudemos inclusivamente assistir a uma ou outra acção conjunta dos velhos inimigos para acabar com uma ameaça mais terrível do que eles próprios, representada por algum elemento residual do monstro nazi ou por um revolucionário demente de inequívocos traços asiáticos: o perigo **amarelo**”.

“Ext 1510185 (pol, 94a): Se não combatermos o perigo islâmico e asiático, no futuro enfrentaremos o perigo religioso, depois virão as guerras religiosas e seremos engolidos por aquilo a que se chama o perigo **amarelo**”.

Se o destaque dado aos aspectos raciais e sociais relacionados com os brancos por si só já mereceria um reparo, dado estarmos perante um dicionário dito adaptado ao PE, não podemos deixar de estranhar a inserção da acepção 29, que não apenas é de uso obsoleto, como apresenta uma definição imprecisa (não será qualquer colonizador branco, num país colonizado, independentemente de ser português ou de qualquer outra nacionalidade, tratado por *branco*?). E que dizer do exemplo que nada exemplifica?

Dos restantes dicionários, DALP e DLP apenas mencionam o carácter racial, respectivamente, numa acepção do adjectivo e do substantivo, ao passo que DLPC e DVLP reservam duas acepções a esta área conceptual, uma enquanto adjectivo e outra enquanto nome. O tratamento conferido por estes dicionários a estas acepções é razoavelmente neutro, como pode verificar-se nos excertos abaixo:

DLPC

branco¹, a [...] **3.** Diz-se do indivíduo que pertence a um grupo genético caracterizado por uma fraca pigmentação da pele; diz-se do grupo que apresenta esta característica. *Mulher branca.*

branco², a [...] Indivíduo pertencente ao grupo genético caracterizado pela fraca pigmentação. *Um branco. Uma branca.*

DALP

branco, adj. [...]. (Aquele) que pertence à raça que se caracteriza pela cor pálida da sua pele: *A raça branca.*

DLP

3 indivíduo da raça caucásica; pessoa desta cor;

DVLP

4. Diz-se do grupo genético humano caracterizado por uma fraca pigmentação da pele. *Homem ~. [...]* **II n.** Pessoa que pertence ao grupo genético que se caracteriza por ter pele clara.

Negro apresenta acepções relativas à raça em todos os dicionários, sendo que a nenhuma delas é atribuída qualquer marca de uso. Apenas algumas expressões em que a forma *negro* aparece integrada têm indicação de uso familiar – é o caso de *meu negro* no próprio discurso definitório, em DLPC, e de *trabalhar como um negro*, por meio de marca, em DVLP. O discurso definitório e os exemplos são bastante neutros, como poderá verificar-se nos excertos abaixo transcritos, e apenas a quantidade de acepções e de integração em compostos sintagmáticos e em expressões idiomáticas chama a atenção, mas não poderemos invocar que os traços preconceituosos são da responsabilidade dos lexicógrafos, mas sim do próprio léxico do português.

DLPC

adj. [...] **3.** Que é relativo ao grupo genético que se caracteriza por uma forte pigmentação da pele.

s. [...] **1.** Indivíduo que pertence ao grupo genético com forte pigmentação. **2.** *Bras. Fam.* Pessoa; indivíduo. **meu negro**, forma de tratamento familiar, carinhosa ou irónica. **negro velho**, o m. que *meu negro*. **trabalhar como/que nem um negro**, trabalhar muito.

DALP

3. (Indivíduo ou a raça) que apresenta pele escura e cabelo encarapinhado: *O (artista) negro deliciou a assistência com o seu espectáculo.* ♦ *s.m.* [...] **6.** Escravo: *É uma negra de trabalho!*

DHLP

▪ *adj. s. m.* 2 diz-se de ou indivíduo de etnia negra [...] ♦ *n.* angola *B N.E.* indivíduo de pele muito negra; negro preto • *n.* preto *B N.E.* m.q. **NEGRO ANGOLA**

DLP

adj. [...] **3** que diz respeito ao grupo genético caracterizado por ter a pele muito pigmentada; [...] *s.m.* **1** indivíduo que pertence ao grupo genético caracterizado por ter a pele muito pigmentada;

DVLP

adj. [...] **2.** Que é relativo ou pertencente ao grupo genético humano caracterizado por uma forte pigmentação da pele, preto. *Pele ~. Criança ~.* [...] **II n.** Pessoa que pertence ao grupo genético que se caracteriza por ter uma pele escura. [...] • **Trabalhar como um ~** *Fam.* Trabalhar muito, como um escravo.

Preto apresenta também acepções raciais em todos os dicionários, mas apenas DLPC e DLP lhe atribuem marcas de uso, respectivamente, *Deprec.* [depreciativo] e *pej.* [pejorativo]. Este facto é tanto mais surpreendente quanto *preto* é, de acordo com a norma do PE, a forma marcada de designar a cor da pele e quanto DALP e DVLP são dicionários vocacionados para a aprendizagem e, portanto, com mais responsabilidades na marcação dos usos. Esse facto é também surpreendente em DHLP, dado o trabalho de adequação ao PE de que este dicionário foi alvo. Os exemplos de uso em que *preto* aparece integrado são relativamente neutros, com excepção do apresentado em DALP, que realça o carácter minoritário da população negra na Europa. Atente-se nos excertos apresentados abaixo:

DLPC

4. *Deprec.* Que é relativo ao grupo genético com forte pigmentação. = NEGRO.

1. *Deprec.* Indivíduo que pertence ao grupo genético com forte pigmentação. = NEGRO.

DALP

◆ *adj./s.m.* **4.** (Aquele) que pertence à raça que se caracteriza pela cor escura da sua pele: *A raça preta.* • *sin.:* negro. *Os Pretos constituem uma população minoritária no continente europeu.* • *sin.:* Negros. • *ant.:* Brancos. • *Obs.:* Na aceção de raça, grafa-se com maiúscula inicial.

DHLP

3 diz-se da pessoa que pertence à raça negra <jovens p. têm mais dificuldade de arranjar emprego> [...] ■ *s.m.* [...] **10** (1789) *p.met.* indivíduo da raça negra <há pretos e brancos nessa comunidades> **11** (1720) *p.ext.* hist escravo ou empregado negro

DLP

adj. **6** [pej.] (pessoa) que pertence à raça negra; B *s.m.* [...] **2** [pej.] indivíduo que pertence à raça negra;

DVLP

2. Que pertence ou é relativo ao grupo genético humano caracterizado por uma forte pigmentação da pele, negro. *Uma mulher ~ casou com um homem branco.* [...] **II n.** Pessoa que pertence ao grupo genético humano que apresenta pele muito escura. *Há ~s, brancos e amarelos neste país.*

As entradas da forma *cigano*

Como foi referido anteriormente, a entrada *cigano* é integrada neste estudo devido ao exemplo de DLPC, na entrada *raça*, que inclui a expressão *raça cigana*. O estudo desta entrada nos vários dicionários justificaria, por si só, um artigo, dada a quantidade e a diversidade de marcas de discriminação racial nelas presentes. De facto, se ao analisar as entradas anteriores, poderíamos ficar com a ideia de que os dicionários portugueses são politicamente correctos, tal ideia desvanecer-se-ia ao analisar os artigos seguintes, que transcrevemos praticamente na íntegra, dado o seu interesse.

DLPC

cigano¹, **a** [sigCEÛnu]. *adj.* [...] **1.** Que diz respeito ou pertence ao povo nómada, que se supõe ter vindo da Índia, ou que é próprio dela. *Uma mulher cigana leu-lhe a sina. Música +; povo, etnia +.* **2.** *Deprec.* Que faz negócios tentando enganar o comprador e agindo de acordo com o que a tradição considera como sendo característica dos ciganos. = TRAPACEIRO. *Não se pode negociar com ele porque o tipo é muito cigano.* **3.** *Deprec.* Que é esperto, ladino e manhoso; que usa de astúcia ou impostura para enganar. = ASTUTO, FINÓRIO. *Viste como ele conseguiu safar-se? É mesmo cigano!* **4.** *Deprec.* Que é avarento, sovina.

cigano², a [sig(ÉŨnu). s. [...] **1.** Pessoa que pertence à etnia cigana, ao povo nômade, provavelmente emigrado da Índia, e que se espalhou sobretudo pela Europa. **2.** *Deprec.* Pessoa que usa de astúcia, impostura ou de má fé, para enganar os outros, sobretudo em negócios. = TRAPACEIRO. *É um grande cigano!* **3.** *Deprec.* Pessoa esperta e manhosa. = FINÓRIO. **4.** *Deprec.* Pessoa impostora, bajuladora = IMPOSTOR **5.** *Deprec.* Pessoa boémia, de vida incerta, de vida errante. **6.** *Deprec.* Pessoa avarenta, apegada ao dinheiro. = AVARO.

DALP

cigano, *adj./s.,m.* **1.** (Indivíduo) que pertence a uma etnia ou povo de origem hindu que se espalhou por grandes áreas da Europa e da África e que tem mantido em grande parte o nomadismo, a par das suas características físicas e culturais: *O povo cigano tem um sentido de grupo muito arraigado. Os ciganos respeitam a autoridade dos mais velhos.* **2.** (Aquele) que tem arte para enganar os outros, sobretudo nos negócios: *O Pedro comprou uma viola a um cigano, e ela não toca.* • *sin.:* aldrabão. ♦ *adj.* **3.** Que pertence, se refere ou é semelhante aos ciganos: *Pele morena e olhos negros dão-lhe um ar cigano.* • *sin.:* aciganado. *Música cigana.* • *sin.:* zíngaro.

DHLP

cigano *adj.* (1521 cf. GVic) **1** relativo ao ou o próprio povo cigano; zíngaro <música c.> <vida c.> <esperteza c.> *adj.s.m.* **2** relativo a ou indivíduo dos ciganos, povo itinerante que emigrou do Norte da Índia para o Oeste (antiga Pérsia, Egípto), de onde se espalhou pelos países do Ocidente; calom, zíngaro **3** *p. ext.* que ou aquele que tem vida incerta e errante; boémio <os meus parentes c. não pensam no dia de amanhã> <viver como c.> **4** *p.ana.* vendedor ambulante de quinquilharias; mascate (B) **5** (1899) *pej.* que ou aquele que trapaceia; velhaco, burlador **6** *pej.* que ou aquele que faz barganha, que é apegado ao dinheiro; agiota, sovina **7** que ou o que serve de guia ao rebanho (diz-se de carneiro) **8** LING m.q. *romani*

DLP

cigano *A adj.* **1** que diz respeito aos Ciganos; **2** que pertence aos Ciganos; **3** [*pej.*] trapaceiro *B s.m.* **1** o que pertence aos Ciganos; **2** [*pej.*] aquele que tenta enganar nos negócios; trapaceiro; **3** [*pej.*] indivíduo boémio (Do gr. biz. *athinganos*, «em que não se deve tocar», pelo húng. *cigány*, «cigano»)

Ciganos *s.m.pl.* ETNOGRAFIA povo provavelmente originário da Índia, que entrou na Europa por volta do século XIV, espalhando-se e dividindo-se em grupos, muitos dos quais preservam características como o nomadismo, a organização tribal e a língua romani (De *cigano*)

DVLP

cigano,-a I *adj.* **1.** Que pertence ou é relativo aos ciganos. *Acampamento ~. Música ~.* **2.** FAM. PEJOR. Que é aldrabão, trapaceiro, impostor características que, ao longo das épocas, têm sido atribuídas aos ciganos. **3.** FAM. Que, como o mesmo povo, é

esperto, faz negócio com tudo e usa de astúcia para obter os seus fins, FINÓRIO, LADINO, INTERESSEIRO, TRAFICANTE. **4.** Fam. Que tem uma vida incerta e errante. **II n. 1.** Indivíduo que pertence à comunidade de populações nómadas, originárias da Índia, de língua e cultura arianas, e que há séculos penetraram na Europa, embora mantendo os seus próprios costumes, regras e tradições. *Comprar roupa na feira, aos ~. Uma ~ leu-lhe a sina.* **2.** FAM. PEJOR. A pessoa que tem características, em geral, atribuídas aos indivíduos dessa comunidade. *Ele não se deixa enganar, é um ~.* **3.** FAM. A pessoa que tem uma vida incerta e errante.

O primeiro aspecto que chama atenção é a quantidade de acepções depreciativas e pejorativas presentes nestes artigos: oito em DLPC (algumas constituem repetições, dadas as opções de partição das entradas deste dicionário), duas em DHLP, três em DLP, duas em DVLP, sendo que este dicionário acrescenta, ainda, três acepções marcadas apenas como familiares (Fam.), mas que se revelam também francamente depreciativas ou pejorativas. Apenas DALP não apresenta marcas de uso relativamente às várias acepções de cigano, apesar de contemplar uma acepção, a número 2, que é francamente pejorativa. Este facto é tanto mais estranho quanto este é um dicionário vocacionado para a aprendizagem e o facto de uma acepção não ser marcada implicar, tacitamente, que o seu uso é perfeitamente aceite (e até recomendado).

Com excepção de DVLP (que tem o cuidado de afirmar, por exemplo na acepção 2, que as características descritas são “em geral atribuídas aos indivíduos dessa comunidade”), as definições das acepções marcadas revelam um discurso claramente discriminatório. Mas se o texto definitório não bastasse para expressar a xenofobia, bastaria olhar para os sinónimos propostos para as diferentes acepções (*trapaceiro, astuto, finório, impostor, avaro, aldrabão, velhaco, burlador, agiota, sovina, ladino, interesseiro, traficante*) para ficarmos esclarecidos quanto à natureza do discurso lexicográfico.

Os exemplos de uso são também reveladores. Note-se, a título de exemplo, o proposto em DALP para a acepção 2, para se ver como, ainda que a definição aponte para um uso figurado da palavra, o exemplo a usa sem denotar qualquer sentido figurado, mas sim claramente literal. Note-se, ainda, que no caso de *cigano*, DLPC não recorre a abonações, que noutros casos foram pretexto para introduzir discurso anti-racista e pedagógico, mas apenas a exemplos sem indicação de fonte.

No caso da entrada *cigano*, DHLP é um dos dicionários que mantêm um discurso mais neutral, apesar de apresentar combinatórias como *vida cigana* ou *esperteza cigana*, provavelmente por a comunidade cigana não ter uma presença tão notória no Brasil.

Notas conclusivas

Da análise levada a cabo, podemos apontar as seguintes notas conclusivas:

1. DLP é o dicionário que apresenta um discurso mais neutro em relação aos aspectos raciais e étnicos. Tal facto advém, em grande medida, de este dicionário não conter exemplos nem abonações, que são grandes veiculadores de preconceitos no discurso lexicográfico, mas também de um esforço que aparentemente tem sido levado a cabo pela Porto Editora para expurgar os seus dicionários de marcas discursivas discriminatórias – cf. nota 6.
2. Sendo DLPC, DHLPL e DLP dicionários gerais de língua, espera-se que levem a cabo uma descrição mais pormenorizada de cada uma das suas entradas, pelo que se compreende o número de acepções que revelam conhecimento estereotípico. Não pode, (não) no entanto, deixar de chamar a atenção o destaque que é dado, em DHLPL, a esse conhecimento estereotípico, até um pouco defasado da realidade portuguesa, em entradas como *branco*, *negro* e *preto*. Este facto prende-se certamente com a génese deste dicionário, inicialmente produzido no Brasil e adaptado ao PE, o que mais uma vez nos leva a questionar a pertinência desta adaptação e a forma acrítica como ele foi recebido e aplaudido em Portugal.
3. DALP e DVLP apresentam-se como dicionários vocacionados para o ensino. Seria, portanto, de esperar um maior cuidado no tratamento do conhecimento estereotípico associado às unidades em análise. Ainda que DVLP consiga manter um discurso definitório mais neutro, por vezes, essa intenção é traída pela selecção dos sinónimos e/ou dos exemplos de uso. DALP é claramente um dicionário muito menos cuidadoso, veiculando não apenas uma visão pouco científica das questões abordadas, como dando de barato acepções claramente discriminatórias sem lhes atribuir qualquer marca de uso.
4. De entre os grupos raciais/étnicos focados neste trabalho, aquele que sai claramente mais mal tratado é o dos ciganos, facto que não surpreende quem conhece a sociedade portuguesa contemporânea, em que esta comunidade denota uma menor integração no tecido social português e uma menor capacidade de afirmação e de reivindicação dos seus direitos. Os dicionários analisados, no entanto, não contribuem para a sua aceitação e a sua integração. Bem pelo contrário, ratificam e promovem uma visão negativa, preconceituosa e xenófoba desta comunidade.
5. Os nossos dicionários são actualmente, apesar de tudo, mais politicamente correctos do que eram há uns anos. Tal facto deriva de uma maior consciência dos direitos humanos e do estigma social hoje associado aos comportamentos discriminatórios. Não se pretende com isto dizer que a sociedade portuguesa tenha deixado de ser racista ou xenófoba – parece, porém, ser menos claramente discriminatória.

Tópicos para discussão

Em jeito de conclusão e relembrando que o dicionário é, para a generalidade dos consulentes, a entidade que determina o que está correcto e o que o não está, retomarei as perguntas enunciadas no resumo deste trabalho e outras:

- Deverão as unidades portadoras de conhecimento estereotípico e de traços discriminatórios ser tratadas sem qualquer reserva no dicionário?
- Compete ao lexicógrafo definir o que é socialmente e politicamente correcto em termos linguísticos?
- Deverá o lexicógrafo assumir uma atitude meramente descritiva em relação aos dados que descreve?
- A sua atitude deve ser a mesma independentemente de o dicionário que prepara ser um dicionário geral ou um dicionário de aprendizagem?
- Até que ponto a lexicografia deve confinar-se aos dados da ciência linguística ou assumir uma intervenção social?

Agradecimentos

Agradeço à Maria Tereza Camargo Biderman, que, entre outras coisas, me fez reflectir sobre a dimensão social do trabalho do lexicógrafo. Agradeço também às organizadoras, Ieda Maria Alves e Gladis Barcellos Almeida, o gentil convite para participar neste volume; à Mafalda Antunes e à Helena Soares, a leitura atenta e as sugestões; ao Maarten Janssen, a ajuda com o resumo em inglês; e ao Joaquín García Palacios as ideias transmitidas, em Lisboa, em Maio de 2006.

CORREIA, M. Racial discrimination in dictionaries: topics for discussion, based on Portuguese contemporary dictionaries. *Alfa*, São Paulo, v.50, n.2, p.155-171, 2006.

- *ABSTRACT: It is well known that the lexicon of any language shows the way the community views and conceptualises reality in its different aspects. Hence, it is not difficult to understand that through the study of the lexicon one can get a clearer idea of the different forms of prejudice (racial, sexual, religious, etc.) present in a given society. The Portuguese language is no exception to this rule, and it is easy to find several units in its lexicon showing, for instance, racial prejudice. The treatment of entities designating concepts related to racial and ethnical issues in dictionaries deserves more profound attention. Is it necessary that these entities are treated with discretion in dictionaries? Should the lexicographer define what is socially and politically correct? Should he assume a merely descriptive attitude towards the data he is describing? Should his attitude be independent of the type of dictionary he is preparing? With this work, based on the analysis*

of a set of lexicographic articles taken from dictionaries of the Portuguese language, I intend to discuss the treatment of racial/ethnic prejudices in Portuguese dictionaries, both general language and learning dictionaries, and contribute in this way to (re)open the discussion on the descriptive and/or pedagogical role of language dictionaries.

- **KEYWORDS:** *Lexicography; general language dictionary; learning dictionary.*

Referências bibliográficas

AMOR, E. M. M.; VAZA, A. C. F. R. da. *Dicionário verbo da língua portuguesa*. Lisboa: Verbo, 2006. [DVLP]

CASTELEIRO, J. M. (Coord.) *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa: Verbo, 2001. 2v. [DLPC]

COELHO, A. T.; TAVARES, A. *Dicionário actual da língua portuguesa: ensinos básico e secundário*. Porto: Asa, 2002. [DALP]

CORREIA, M. Versão portuguesa do dicionário Houaiss da língua portuguesa: um dicionário do português europeu? In: Simposio Internacional de Comunicación Social Santiago de Cuba, 10, 2007, Santiago de Cuba. *Actas...* Santiago de Cuba: Centro de Lingüística Aplicada, 2007, p.270-274. (no prelo)

DICIONÁRIO da língua portuguesa 2006. Porto: Porto, 2006.

FIGUEIREDO, C. de. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 25. ed. Lisboa: Bertrand, 1996. 2v. [GDLP]

HOUAISS, A., VILAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: versão portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002-2003. 6v. [DHLP]

PUTNAM, H. The meaning of 'meaning'. In: _____. *Mind, language and reality: philosophical papers*. Cambridge: Cambridge University Press: 1975-1995 v.2. p.215-271.

VILELA, M. *Dicionário do português básico*. Porto: Asa, 1990 [DPB]

